



O Salão Verde, palco de tantas agitações, descansa para receber os protagonistas políticos do ano que vem

# O descanso merecido do Congresso

23 DEZ 1983

Luiz Artur Toribio

Conversar com um dos "Anjos" do escultor Alfredo Ceschiatti; admirar o intrigante vitral da artista plástica franco-brasileira Marriane Peretti ou mesmo observar atentamente o gigantesco painel "Os Bandeirantes" que Di Cavalcanti pintou para Juscelino Kubistcheck. O que mais fazer no Congresso Nacional às vésperas de um longo friado de Natal? O "Salão Verde", ponto nervoso da vida política nacional ao longo deste histórico ano de 1983, palco de tantos acertos, conversas, entendimentos, conchavos, pressões, brigas, cochichos — ou seja lá que nome tenham essas conversas políticas — está vazio, silencioso, tenebroso. É assustador passar dez minutos sentado em uma das confortáveis poltronas do "Salão Verde" e não ver viva alma. Não tive outra alternativa: fui observar de perto os oito canteiros por ele espalhado e pude constatar o cúmulo: estavam tão vazias que não havia uma guimba sequer em nenhum deles. Tratei de reinaugurá-los e apaguei meu cigarro.

O Congresso Nacional tem uma população fixa, entre funcionários e parlamentares, de aproximadamente 5.500 pessoas. Com a população flutuante que passa pela chamada "Casa do Povo" diariamente, este número duplica. Houve ocasiões, este ano, que o Congresso Nacional chegou a ficar literalmente cercado por mais de 10

mil pessoas. Isso ocorreu quando, coincidentemente, na mesma semana, centenas de delegações trabalhistas vieram a Brasília forçar os parlamentares a rejeitarem o Decreto-lei 2045 ao mesmo tempo que cerca de 5 mil garimpeiros de Serra Pelada acamparam no seu jardim verde pedindo a desmecanização do garimpo. A pressão externa era tanta que o governo terminou por declarar o nonsense "Estado de Estado de Emergência" para a Capital Federal.

Mas a "Casa do Povo" passou a semana totalmente vazia. Nos primeiros dias desta semana natalina, 1/3 dos seus funcionários fixos lá ainda compareceram para os plantões rotineiros, os envios de cartões de "Boas Festas" e as felicitações de fim de ano. A partir de quarta-feira, esvaziou geral. Os partidos políticos suspenderam seus plantões, os parlamentares foram passar as festas junto às suas bases, os restaurantes não serviram mais refeições. Dona Maria, do famoso "cafezinho" da Câmara, aproveitou o último dia útil de trabalho — terça-feira — para "pensar na vida" e escrever uns cartões de Boas Festas:

"É incrível, mas teve dia aqui em que eu passei por maus lençóis, pois não dava nem para ir ao banheiro, tantas eram as solitações".

No pique da vida parlamentar de 1983, "as moças do café" — como são chamadas simpaticamente pela imprensa — serviam

uma média de 30 mil cafezinhos por dia. Isso, é óbvio, não é um dado estatístico exato mas puramente ficcional. De qualquer maneira, bastante válido. No entanto, nos dois primeiros dias desta semana, se elas (trabalharam somente a metade, ou seja: quatro delas) chegaram a servir mil cafezinhos, foi muito.

Na última quarta-feira, andei pelo vazio do Congresso Nacional ouvindo os ecos de meus próprios passos. Entrei pelo corredor das Comissões, sempre cheios de pessoas entrando e saindo, aquelas salas onde muito se discute e pouco se resolve, e não cruzei com ninguém. A Biblioteca estava fechada. Na sala de imprensa, onde estão credenciados cerca de 150 jornalistas, somente encontrei com três. Fui e voltei três vezes no "Túnel do Tempo" que liga o Senado Federal à ala de gabinetes dos senadores. Ninguém. Parecia estar vivendo em um moderno País vitimado por uma bomba de nêutron, daquelas que devoram os seres humanos mas fazem o favor de deixar intactas as estruturas das cidades.

Somente as agências internas do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal funcionavam, mesmo assim para meia dúzia de gatos pingados.

Estranha sensação essa de sentir a Casa do Povo vazia. Mas o descanso, a bem dizer, está sendo merecido. Descanse em paz, Congresso, pois 1984 não vai ser moleza.